

## A ANTROPOLOGIA EXISTENCIAL DE MICHAEL JACKSON, UMA FENOMENOLOGIA ETNOGRÁFICA EM BUSCA DE UMA “HERMENÊUTICA DA REALIDADE”

JACKSON, Michael. The Scope of Existential Anthropology. In: JACKSON, Michael. *Lifeworlds: Essays in Existential Anthropology*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2013. p. 3-28.

João Francisco Canto Loguercio<sup>1</sup>

O antropólogo Michael Jackson, nascido em 1940 na Nova Zelândia, é reconhecido internacionalmente por inaugurar um novo subcampo da disciplina – a antropologia existencial. Compondo, portanto, uma linhagem de antropólogos que buscam na filosofia, principalmente de orientação fenomenológica, inspiração para suas pesquisas, como é o caso, por exemplo, de Thomas Csordas e Tim Ingold. Contudo, Jackson talvez seja aquele que de forma mais fundamental tenha entrelaçado esses dois campos do conhecimento, fazendo confluir o pensamento de autores como Edmund Husserl, Hannah Arendt, Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty e Martin Heidegger à etnografia, expressa através de seu extenso trabalho de campo em Serra Leoa (desde 1969), entre os Kuranko (ramo mandinga da África Ocidental, Norte da Serra Leoa); na Austrália aborígine, entre os Warlpiri (no estado Território do Norte) e os Kuku-Yalanji (norte do estado de Queensland); na Europa (Dinamarca, Holanda e Reino Unido) com migrantes africanos; e na Aotearoa (Nova Zelândia na língua Maori). O autor afirmou que a filosofia, em geral, e a fenomenologia, em particular, foram, principalmente, ferramentas que possibilitaram realizar uma hermenêutica da realidade. No entanto, sua obra também dialoga, de modo prolífico, com autores da teoria crítica, especialmente Theodor Adorno, assim como com o pragmatismo de William James e John Dewey.

No que compete a sua “conversão” à antropologia, Jackson argumentou que a disciplina resolveu uma tensão entre preocupações “mundanas e acadêmicas”, a qual expôs como “profundo desconforto que sentia sobre a separação da vita contemplativa da vita activa” e que tanto a profissão quanto a prática etnográfica “responderam a uma necessidade pessoal, fornecendo um ritmo entre a absorção no mundo dos livros e o engajamento no mundo”

<sup>1</sup> Doutor (2021) em Antropologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de Aberdeen (Escócia/Reino Unido). Atualmente realiza seu Pós-Doutorado junto à Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Unicamp (campus de Limeira), no Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência (LAGERR), compondo o grupo de pesquisa Nomear (Fenomenologia e Geografia), com bolsa do CNPq. jfloguer@gmail.com.

✉ Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência, Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas. Rua Pedro Zaccaria, 1.300, Limeira, SP. 13484-350.

A antropologia existencial de Michael Jackson, uma fenomenologia etnográfica em busca de uma...  
João Francisco Canto Loguercio

(Jackson, 2013, p. xiii). Essa mesma prática proporcionou-lhe a experiência corporal buscada, e professada pela fenomenologia de Merleau-Ponty (através do conceito de “corpo vivido”) e pela sociologia de Pierre Bourdieu (a partir da noção de “*habitus*”), de tal forma que a “práxis corporal” assumiu um lugar de destaque em seu trabalho, como se pode testemunhar em “*Knowledge of the Body*” (Jackson, 1983). Neste artigo, o autor expõe sua crítica à(s) antropologia(s) que adotaram “modelos semióticos indevidamente abstratos”, as quais assumiram a práxis corporal como efeito de causas simbólicas ou representativas e, com isso, trataram “o corpo como uma versão diminuída de si mesmo” (Jackson, 1983, p. 329). Em suma, Jackson propõe que, para uma abordagem adequada das práticas corporais (através do método etnográfico), é preciso localizá-la “no campo social imediato e no mundo material”, concluindo que “enquanto as palavras e os conceitos distinguem e dividem, a corporeidade une e forma as bases de uma compreensão empática, até mesmo universal”<sup>2</sup> da alteridade (Jackson, 1983, p. 327 e 341).

Conforme texto informado pelo autor, Jackson “lecionou em universidades na Nova Zelândia, Austrália, Estados Unidos e atualmente é pesquisador sênior em religiões mundiais na Harvard Divinity School”. Sua trajetória de publicações na área da antropologia é vasta, atualmente contando com mais de vinte e cinco livros e mais de 70 artigos publicados (como único autor), sem considerar sua obra poética e de ficção, também extensa.

A primeira obra que se destaca nesse rol acadêmico, duplamente premiada, é uma coletânea de dez artigos escritos entre 1975 e 1987 e que foi intitulada “*Paths Toward a Clearing: Radical Empiricism and Ethnographic Inquiry*” (1989), envolvendo sua pesquisa entre os Kuranko de Serra Leoa. O título já sinaliza o entrelaçamento entre fenomenologia (clearing é a tradução da noção de *lichtung* de Heidegger, ou seja, clareira), empirismo radical (do pragmatismo norte americano de James e Dewey) e etnografia. No prefácio de “*Lifeworlds: Essays in Existential Anthropology*” (2013), a respeito de “*Paths Toward a Clearing*”, Jackson pontua que o escopo da antropologia deveria ser ampliado, radicalizando o método empírico e evitando a perpetuação de dualismos eu/outro, observador/observado, corpo/mente, escrita/mundo, realidade/imaginação e razão/emoção, por meio da exploração da “dialética na consciência humana entre os tipos de experiências que tais termos designavam grosseiramente” (2013, p. xii). A ênfase contumaz nos ensaios dessa fase, em termos de “relacional e transitivo”, como o autor coloca, opondo-se, portanto, ao “substantivo e intransitivo”, foi a base que sustentou sua abordagem em temas como “corporificação, adivinhação, mito e mortalidade, narrativa, metáfora, mudança de forma e bruxaria” entre os Kuranko (2013, p. xii).

Ainda a falar sobre esses primeiros ensaios, o autor destaca algumas questões-chave que serão recorrentemente tratadas ao longo de sua obra, isto é: (1) a intersubjetividade, seja referenciando-se nas noções de Husserl de

<sup>2</sup> Esta sentença ecoa numa abordagem referente aos estudos humano-animal, de Kenneth Shapiro (1990), o qual emprega o conceito de “empatia cinestésica” (*kinesthetic empathy*) para uma aproximação, através dos movimentos corporais, entre ele e seu cão Sabaka.

## A antropologia existencial de Michael Jackson, uma fenomenologia etnográfica em busca de uma...

João Francisco Canto Loguercio

“fenomenologia generativa” e “mundo da vida”, ressaltando o fato de que “vivemos em um mundo de relacionamentos intersubjetivos”, seja devido a suas reflexões sobre as relações entre pesquisador e pesquisado, respondendo à crise representacional instalada pela “antropologia pós-moderna”<sup>3</sup>, ou ainda pela tentativa em aliviar a tensão presente no binômio individual/coletivo (ou indivíduo/sociedade, ator/ser agido (being acted), ser para si/ser para o outro), que se manifesta na atribuição equitativa da importância tanto das agências individuais quanto da imposição das estruturas sociais (tradições, hábitos, regras etc.) aos indivíduos e coletivos; e (2) a compreensão das crises e impasses da vida, que se tornam uma de suas preocupações centrais, sendo externada nas seguintes palavras, “o curso da vida de uma pessoa, assim como o itinerário do seu pensamento, é marcado por golpes de sorte, assim como por reveses trágicos, por encontros fortuitos, assim como por oportunidades perdidas” ou “a sensação de que o mundo está amplamente além de nossa compreensão e controle” (Jackson, 2013, p. xiii). Questões estas que refletem uma característica de seus escritos, como bom existencialista, não cindindo vida profissional e pessoal, as quais se amalgamam, afetando seus “seres, fazeres e saberes”.

É justamente nessa busca do autor por uma maior compreensão das “mazelas da vida” (pessoais e humanas) que, em minha concepção, emerge um dos aspectos mais relevantes de seu trabalho, ou seja, o frutífero “encontro” entre filosofia/fenomenologia e saberes “tradicionais” dos grupos com os quais trabalhou. Tais “encontros” com outros modos de vida provocam, por vezes, experiências que na disciplina consolidou-se e convencionou-se definir como “choque cultural”, sendo este um dos cerne do fazer antropológico. No entanto, em Jackson, eles assumem um sentido bastante particular, não apenas pelo diálogo que faz estabelecer entre esses distintos seres-estares-no-mundo, mas por ocuparem uma centralidade em suas reflexões, em sua “hermenêutica da realidade” e, principalmente, segundo o autor, pelo caráter transformador que promovem. Por exemplo, no epílogo de “Lifeworlds” (2013), Jackson destaca que o ensaio seminal de Marcel Mauss para a antropologia moderna, “O Ensaio sobre a Dádiva” (Mauss, 2008), “tenha se inspirado não em um filósofo europeu, mas em um ancião maori, Tamati Ranapiri” (Jackson, 2013, p. 268). Segue daí, referenciando-se também na antropóloga Anne Salmond (2000), o seguinte excerto que mostra a real dimensão dessas questões para o autor:

Verdades que vêm à tona em lugares distantes, geralmente iluminam os lugares onde vivemos e o exótico transforma nossa consciência do cotidiano. ... a noção maori de hau — o “espírito da coisa dada” que obriga o receptor a honrar

<sup>3</sup> Movimento que eclodiu a partir do “Manifesto de Santa Fé”, seminário realizado na cidade em questão e que deu origem ao movimento pós-moderno na antropologia, tendo como marco a publicação da coletânea de ensaios intitulada “Writing Culture” (1986), editada por James Clifford e George Marcus, a qual traz uma autocrítica/reflexão disciplinar, questionando os modos clássicos de poder/autoridade etnográficos na representação do “outro”.

o doador e passar a dádiva para um terceiro — “vai muito além da doação humana de presentes” e fundamenta os protocolos éticos que governam as relações entre todas as formas de vida. (Jackson, 2013, p. 273)

Esses “encontros”, experienciados por Jackson, com todos os desdobramentos reflexivos e existenciais que lhe provocaram, são um traço característico de seus escritos, atravessando toda sua obra. A noção de “*lichtung*”, de Heidegger, também é ilustrativa dessas confluências, quando é posta pelo antropólogo perante o significado Kuranko de “clareira”:

Heidegger fala sobre aquilo que está continuamente sendo trazido à tona, presente, revelado ou tornado aparente na fala e nas ações de nossas vidas cotidianas. Para os Kuranko do nordeste de Serra Leoa, uma clareira na floresta define um espaço de sociabilidade e personalidade moral na natureza selvagem do mundo (Jackson, 2013: xiii).

Assim como os apresentados, diversos exemplos poderiam figurar aqui, no entanto, creio que valha contemplar ainda outras dimensões existenciais que também aproximam esses distintos saberes, os quais também são preocupações recorrentes no trabalho de Jackson e que poderiam ser traduzidos em termos de oposições aos entendimentos hegemônicos de eu/outro, cultura/natureza<sup>4</sup> e micro/macrocosmo como diametralmente opostos.

Para os Kuranko de Serra Leoa, por exemplo, o falar e o agir não possuem caráter subjetivo, como tradicionalmente entendido na lógica Ocidental, mas intersubjetivo, e a agência é vista como um “gerar, perpetuar e celebrar a vida, bem como com a habilidade de alguém de suportar estoicamente suas dificuldades” (Jackson, 2013, p. xii). Já os Warlpiri falam da existência humana como “uma interação entre permeabilidade (*palka*) e latência (*lawa*)”, assim como os Maori colocam-na como uma reciprocidade entre “*tupu* (o desdobramento ou potencialidade crescente de cada ser vivo) e *mate* (o processo de enfraquecimento, adoecimento ou diminuição)” (Jackson, 2013, p. xiv-xv), ou seja, acentuam o caráter dinâmico do mundo da vida, em suas impermanências e complementaridades, de tal forma que mesmo a identidade “emerge e desaparece de acordo com as relações mutáveis de uma pessoa com os outros e com a terra ancestral” (Jackson, 2013, p. xv).

No epílogo de “*Lifeworlds*”, Jackson (2013) discorre sobre a importância que os Warlpiri dão às “pegadas”, “rastros”, “marcas”, enfim, registros de suas experiências deixadas na Terra ou carregadas em seus corpos, os quais são por vezes ancestrais, por vezes pessoais, destacando que para eles, contudo, “esses dois domínios fluam imperceptivelmente e inevitavelmente um para o outro” (Jackson, 2013, p. xv).

<sup>4</sup> Sobre este dualismo entre natureza e cultura, o capítulo aqui traduzido de “*Lifeworlds*” (Jackson, 2013) vai abordar tal questão, por exemplo, a partir dos entendimentos Ojibwa e Kuranko dos não humanos.

A antropologia existencial de Michael Jackson, uma fenomenologia etnográfica em busca de uma...  
João Francisco Canto Loguercio

Observações deste tipo mostraram ao autor que esses mundos da vida, tidos, segundo ele, pelo pensamento grego e chinês antigo, como micro e macrocosmo, um “íntimo e imediato”, o outro “mais abstrato e remoto”, um particular (local, familiar e pessoal), o outro geral (global, nacional, cosmopolita, histórico e humano), deveriam ser gerenciados “conceitualmente, eticamente, politicamente e praticamente” de maneira urgente pela antropologia que, na sua concepção, ainda luta para “integrar as perspectivas altamente particularistas e localizadas da etnografia (ethnos) com a ambição generalizante implícita na noção abrangente de humanidade (anthropos)” (Jackson, 2013: xiv). Um dos objetivos dos capítulos que compõem “Lifeworlds” (2013), de acordo com Jackson, foi “concretizar essa visão”, assim como “registrar as jornadas etnográficas de uma pessoa e as reflexões que elas inspiraram” (Jackson, 2013, p. xvi-xvii).

Portanto, o antropólogo Michael Jackson emaranha filosofia e antropologia, mas buscando uma filosofia que seja aterrada e não metafísica, assim como uma antropologia corporificada e não representacional ou semiótica, aproximando saberes concebidos nas experiências vividas, suas e dos grupos com os quais conviveu, e encontrando na fenomenologia, além da orientação que procurava, também como proposta contra-hegemônica ao pensamento Ocidental dominante, uma potente parceira na tarefa a que se propôs - realizar uma “hermenêutica da realidade”.

Por fim, com o capítulo aqui traduzido, busca-se não apenas oferecer uma pequena amostra dessa abordagem bastante peculiar, criativa e original, pouco conhecida do público brasileiro, mas também esperando que seja um convite a explorar com mais profundidade a obra instigante e rica desse autor contemporâneo, porém já clássico nos países de língua anglófona. ○

## REFERÊNCIAS

CLIFFORD, James and MARCUS, George E. (eds.). **Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography**. Berkeley: University of California Press, 1986.

JACKSON, Michael. **The Politics of Storytelling: Violence, Transgression, and Intersubjectivity**. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 2002.

JACKSON, Michael. **The Wherewithal of Life: Ethics, Migration and the Question of Well-Being**. Berkeley: University of California Press, 2013a.

JACKSON, Michael. **Lifeworlds: Essays in Existential Anthropology**. The University of Chicago Press: Chicago and London, 2013b.

A antropologia existencial de Michael Jackson, uma fenomenologia etnográfica em busca de uma...  
João Francisco Canto Loguercio

JACKSON, Michael. **The Genealogical Imagination**: Two Studies of Life over Time. Durham: Duke University Press, 2021.

JACKSON, Michael. **Knowledge of the Body**. *Man, New Series*, Vol. 18, No. 2 (Jun), pp. 327-345, 1983.

JACKSON, Michael. **Paths Toward a Clearing**: Radical Empiricism and Ethnographic Inquiry. Indiana University Press: Bloomington, 1989.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a Dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2008.

SALMOND, Anne. Maori and Modernity: Ruatara's Dying. In: COHEN, Anthony P. (Ed.) **Signifying Identities**: Anthropological Perspectives on Boundaries and Contested Values. London: Routledge, 2000. p. 37-58.

SHAPIRO, Kenneth. Understanding dogs through kinesthetic empathy, social construction, and history. **Anthrozoös**, Volume III, Number 3: 184-195, 1990.